

Poética da confusão, sensações do Ser: sensorial e engajada trilogia

Recebido em 24-08-2021

Modificado em 06-01-2022

Aceito para publicação em 10-03-2022

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i2.39261>

Marcelo Calderari Miguel

Bancário, bibliotecário, juiz-forano, poeta e pesquisador do Núcleo de Pesquisa “Tabularium - Políticas de Arquivos” e do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV). Especialista em Educação Científica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Discente do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: marcelo.miguel@caixa.gov.br

1. No manejo do Ser Somos todos OUVIDOS!

287

Somos todos uma adição não muito subjacente ou combatente de meias palmas.

Somos todos uma divisa – expressão recorrente ou pouco insipiente de meias panças.

Somos todos uma fração não muito igual de meios termos e meias verdades.

Somos todos uma multiplicação não muito promitente ou onipotente de meios abusos...

Somos todos protetores – potenciação essa não muito intercambiável de meios tratos...

Somos todos uma radiciação não muito equivalente de meios tempos e de infindas utopias.

Somos todos uma soma não muito congruente de meios papéis, ecos da pluralidade e política.

Somos todos resistência, e somos iguais – independentemente das incipientes e meias paixões.

Somos todos no viver distintos corpos. Sozinho não está; todos uns – vivem separadas formas.

Somos próximos... Ainda que a realidade pareça estar longe de ser plena e razoável a todos.

Somos, ainda que, haja equidistâncias e confins, a integridade e a tessitura que soma todos nós.

Somos rafeira invenção, soar não inercial. Mistura, um caldeirão de etnias, tempera o que somos!

2. Erupção cataclísmica, tato e o político gosto

Entre nós e as palavras há sinestesia e um fundente metal.

Entre nós e as palavras há hélices cortantes e estridentes.

Que fazem renascer mistérios ou segredos gerados no ar.

Que podem dar vida ou com ela acabar – posto que o amar, alimenta e embaraça.

Entre nós e a aguardente há tantas tolices, tagarelices e charlatanices.

No ferver do caldo há relações contundentes – rixosas emendas, cataclísmicas variáveis.

Altissonante desfalecimento, devora-me a esfinge, insígnia bruta de alguma urucubaca.

Podre entidade, com em uma mera promulgação a morte anuncia e tudo mais avassala.

Entre nós e as tramas, erguem-se desejos suaves e singelos, de carmesim mancha o mar.

Entres as formigas-picadeiras surgem forte dores, soluções e sensações agudas na Casa.

Escalam a garganta e move as paixões – completar dispositivo, a legislatura abrasa.

Entre nós e as cobras rasteiras há fogos ardentes, perfis chamuscados, sanções táticas.

Rutilantes vetos, massifica o espetacular prazer ‘acutangular’, move carapaças e catracas.

Contrabalançares essa barraca, recomece já, já! – três poderes, bem aventurada Praça.

3. Crástino descortinar da consciência, olores do último suspiro

Desista: não vai dar certo dizem as lendas. Por quê? Não vem ao caso.

Soa louco as estações eu tentar rasgar? E rezar uma melhor senda?

Ver o mundo como o mesmo de sempre, desejo é uma coisa cega, e lerda.

Como seguir em frente? Cadê as palavras? Burguesas perguntas não há.

O planeta navega a esmo, desejo e volatilidade da humanidade é porta aberta.

Ora mira em coisa mágica e trágica; ora é sutil e facilita brechas.

A vida acelera e quase macha... Sintonia nunca é regra, pode gerar angústias e selvas.

A coisa é incerta e, não ficará pedra sobre pedra. Desmontam-me e quebram-me, sangro!

Almas brutas e voláteis não devem no espelho olhar.

Não precisa de apetrechos e listas, nem usa calendário lunar.

A crástina rota espalhada, resalta no peito um estrepitoso alveolar.

A aparente pele magra e pálida retrata e repele o sacro luminar.

A retina egoísta, altruísta e anômica, o aromatizado mundo não vê passar.

O coração espalhafatoso vai deixando de pulsar; falha armadura a penar.

– Ainda quer o amanhã visualizar?

Finda rota, meu respirar.